

O Império e as práticas científicas

The Empire and its scientific practices

Marcus Vinicius de Freitas

Professor de literatura brasileira e portuguesa
Universidade Federal de Minas Gerais
Rua Conde Ribeiro do Vale, 94/201
31030-470 Belo Horizonte — MG Brasil
marcusvfreitas@uol.com.br



Alda Heizer
*Ciência, civilização e
império nos trópicos*
Rio de Janeiro, Access
Editora, 2001

O desenvolvimento das práticas científicas e sua consolidação em museus e instituições de pesquisa, e ainda a criação de redes de cientistas e mecanismos de intercâmbio e divulgação, constituem uma parte fascinante da história do século XIX brasileiro, à espera de ser contada. O fascínio, seja para o historiador ou para o leigo, está na complexa teia de relações que as ciências ali estabelecem com a história social e econômica, com o desenvolvimento das artes e das letras, e também com os meandros políticos e culturais da nação em formação. Não eram apenas as ciências que se estruturavam nos trópicos, mas o próprio país, o que torna o campo de estudo mais intrincado e, por isso mesmo, mais instigante. Dois são os motivos básicos para que essa história não esteja de todo contada: a história social e material do nosso século XIX — ponto de partida para os historiadores das ciências — ainda possui grandes lacunas; e a formação de uma cultura histórica das ciências é fato recente entre nós. Assim, os historiadores das ciências que se debruçam sobre o Império brasileiro acabam desenvolvendo simultaneamente duas frentes de trabalho. Talvez pela necessidade mesma desse múltiplo embate, esses historiadores especializados estão entre os que mais têm contribuído para uma reavaliação global do tempo do Império.

Nada mais oportuno, portanto, do que a publicação do volume *Ciência, civilização e império nos trópicos*, organizado por Alda Heizer, pesquisadora do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT), e Antônio Augusto Passos Videira, professor de epistemologia e história da ciência na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a partir das conferências apresentadas no colóquio *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*, que teve lugar no Rio de Janeiro, em 7 e 8 de novembro de 2000, sob a direção do MAST/MCT e da UERJ, com patrocínio da FAPERJ.

O colóquio propôs um balanço da produção recente de pesquisadores brasileiros sobre as relações entre o Império e as ciências. O livro que daí se produziu busca ser um painel das tendências críticas e historiográficas sobre o assunto. O volume traz 14 conferências que abarcam diferentes temas, entre os quais o papel das viagens e expedições de naturalistas durante o Império; as grandes exposições locais e internacionais do século XIX; as relações entre as instituições imperiais e a historiografia das ciências no Brasil; o papel dos museus históricos e de ciências naturais no desenvolvimento do campo científico; a biografia de cientistas como importante mecanismo historiográfico; e, sobretudo, o papel desempenhado

exatamente porque “as formas de organização passaram a ser vistas como indissociáveis dos desenvolvimentos conceituais das ciências” (p. 230). Dessa forma, o que no campo da historiografia geral aparecia como mais uma ferramenta em busca dos documentos, revelava-se como central ao fazer da história das ciências, sobretudo em relação a um contexto como o do Brasil Império, sempre prejudicado pelo fato de os historiadores buscarem avaliá-lo com padrões anacrônicos em relação às ciências, às artes ou mesmo à política. Daí deriva o fato de os historiadores das ciências ao longo dos últimos anos estarem entre os que mais têm renovado o estudo do Império. O tempo de Pedro II acaba por ser para nós o que a Idade Média foi para os medievalistas franceses depois dos anos 1920: um objeto que se mostraria impenetrável em sua riqueza se não fossem renovados os instrumentos de pesquisa.

O artigo de Flávio Edler, em torno da medicina acadêmica imperial, busca mapear uma área específica do saber e da prática científicas. A sua maior contribuição está em jogar por terra a pretensa falta de cientificidade atribuída à medicina imperial, um desses anacronismos que percorreram a nossa historiografia. Para tanto, o autor busca elucidar os critérios que validavam o saber científico naquele contexto, traçando um quadro das práticas médicas desde o iluminismo até os seus desdobramentos na cultura brasileira, com atenção no desenvolvimento das instituições de medicina, na divulgação do saber através de jornais especializados, na constituição de redes através do intercâmbio entre cientistas. Com esse percurso, Edler mostra como havia nas práticas médicas brasileiras do século XIX um saber compartilhado, desde as noções de diagnóstico até as intervenções, passando pela validação social e institucional do lugar do médico.

O artigo de Alda Heizer chama a atenção para o debate sobre a tecnologia, área às vezes descurada no discurso da história das ciências. Percorrendo a cultura das grandes exposições e a participação brasileira nesse tipo de evento, a autora mostra como o discurso da nacionalidade pode ser traçado através dos acervos de instrumentos das instituições científicas. A ênfase na tecnologia revela o lado material do trabalho do historiador científico, faceta que não pode ficar de fora em qualquer abordagem sobre o objeto. O exemplo maior trazido pela autora se constitui do acervo de instrumentos reunidos no Museu de Astronomia/MCT, reclamando urgentes trabalhos de pesquisa.

Na mesma linha de Flávio Edler, Lorelay Kury busca destruir visões anacrônicas sobre a Comissão Científica de Exploração, injustamente alcunhada pelos contemporâneos de “comissão das borboletas”. Mais importante do que julgar os resultados da empreitada, Kury mostra a importância de se abordar o trabalho da comissão através das tentativas coerentes de seus integrantes em estabelecer objetos e objetivos científicos válidos. Sendo pioneiro, o grupo apenas tateava o campo, pressionado pela visão ainda hoje presente de que o verdadeiro cientista seria sempre o estrangeiro. Dessa forma, Kury demonstra que o julgamento apressado da comissão, com foco em suas poucas realizações, não pode nublar o enorme papel por ela desempenhado na cultura científica nacional àquela altura, como forma de busca de um padrão científico, fato muito mais relevante.

mencionado por Maria Amélia Dantes, mas cujo objeto não possui um espaço específico em um volume que se propõe um balanço da produção na área. O livro de José Murilo, *A Escola de Minas de Ouro Preto, o peso da glória*, recentemente reeditado, constitui um clássico que demonstra a importância daquela instituição no horizonte científico do Império. Os estudos sobre medicina na província de Minas Gerais, desenvolvidos por Betânia Figueiredo no Departamento de História da UFMG, mostram igualmente a importância da ampliação das pesquisas fora das instituições diretamente ligadas à Corte. Da mesma maneira, Amilcar Baiardi tem publicado trabalhos sobre o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura, criado em 1859, instituição de grande importância para os estudos agrários no Brasil. São apenas exemplos que mostram a riqueza e a ampliação dos horizontes da história das ciências no Brasil.

Heizer e Videira organizaram um volume de grande importância não só para os pesquisadores e como balanço da área, mas como material pedagógico para os cursos introdutórios de história das ciências no Brasil. Que venham os próximos.